

A Revolução Cubana abalou o mundo inteiro e, especialmente, a América Latina. Com efeito, abriu-se um novo espaço para o debate acerca da revolução. A ascensão do socialismo, em nosso continente, acabou acelerando a desilusão de parte da esquerda com os Partidos Comunistas, pois muitos viram que o processo revolucionário não precisava seguir as “etapas” defendidas pelo partido. Esta pesquisa tem como objetivo localizar, no contexto brasileiro, o debate sobre a Revolução Cubana entre os intelectuais de esquerda. As fontes da pesquisa são autobiografias, biografias, livros e, sobretudo, a Revista Brasiliense, idealizada e financiada por Caio Prado Junior, entre 1955 e 1964. A revista tinha o predomínio de autores marxistas e nacionalistas paulistas, mas contava com colaboradores em outros estados brasileiros. Havia, contudo, dentro dos “*amigos da brasiliense*”, um pequeno grupo de mentores que, além de ter o maior número de artigos publicados, mantinha uma relação pessoal e, em alguns casos, familiar com C.P.J. Este pequeno grupo dirigia intelectual, política e ideologicamente a revista, compartilhando do mesmo *ethos*: além do contato direto com a personalidade marcante de Caio Prado, eram todos do PCB, de uma ala excluída politicamente por divergências teóricas. Para a análise de grupos culturais, basear-se-á metodologicamente nas teorias de Raymond Williams. A pesquisa, em fase inicial, tem alguns resultados. Notou-se grande entusiasmo dos autores que visitaram Cuba e escreverem sobre o processo revolucionário. Descobriu-se também que esses intelectuais, ao escreverem sobre a ilha, queriam principalmente falar do seu projeto de revolução para o Brasil. Para eles, não se deveria seguir nem o modelo oficial do PCB nem o modelo cubano, mas sim o projeto da R.B, que estava sendo criado pelos seus colaboradores e, fundamentalmente, pelos seus mentores.